

## ANARQUISTAS E EDUCAÇÃO NO BRASIL

João Correia de Andrade Neto<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Este trabalho tem como objetivo apresentar o Movimento Anarquista e sua intervenção no âmbito educacional brasileiro. Para isto apresentaremos uma introdução onde traçaremos um histórico da educação realizada pós-ocupação do território conhecido atualmente como Brasil pelos portugueses, especificamente a educação aplicada pela Companhia de Jesus e seus desdobramentos até a chegada dos Anarquistas ao Brasil e o ambiente social por eles encontrado e as respostas por eles dadas. Trataremos sobre a intervenção do Movimento Anarquista sobre a Educação no Brasil, que consistiu basicamente na criação de uma ação e proposição independentes da estrutura do Estado, Igreja e Mercado. Concluiremos distinguindo a Educação Anarquista da Pedagogia Libertária.*

**Palavras-chave:** História; Política; Educação.

### INTRODUÇÃO

A História da Educação no Brasil tem início, segundo os historiadores oficiais, baseados na história política instituinte/instituída pelo estado de direito nacional, quando da chegada dos portugueses e da instalação pelos jesuítas das missões e/ou apresamentos de indígenas.

A ação da Companhia de Jesus junto aos autóctones se pautou em “combater a heresia, propagar a fé entre os incrédulos e difundir o evangelho... (CORREA em OLY PEY, p. 52; 2000)”. É necessário e sensato considerar que os povos que ocupavam a América, antes da chegada dos europeus, tinham sua própria cultura e também sua maneira de educar.

Neste momento, entre os séculos XV E XVI, ocorria na Europa a Reforma protestante, o número de almas adeptas do catolicismo declinava e com isso seu poder também. O ‘Novo Mundo’ significava novas almas, e estas, a manutenção ou ampliação do Império milenar da ‘Santa Madre Igreja’ ‘Civilizar’ era então sinônimo de evangelizar.

Para tal empreitada, os jesuítas recorreram a vários métodos; realização de ritos como batismos, missas, os famosos Autos, nos quais peças teatrais representavam a luta entre deus e o diabo, o bem e o mal, a floresta (mal) e a vila (bem), e as missões de onde se estabeleciam regras e castigos, em que a cultura européia era a tônica hegemônica no discurso, nos símbolos e na prática cotidiana.

Depois de pacificados os Índios, seria a hora de formar a elite dirigente colonial; para isso os Jesuítas criaram os seus colégios, que foram os primeiros no formato que conhecemos atualmente, e que consistiam em escolas para a fidalguia, onde se repassava uniforme e hegemonicamente a tradição européia, sob a égide de um regime disciplinador, castrante, intransigente, reprodutivista dos clássicos europeus (a escolástica).

Com a fundação dos colégios jesuítas, materializa-se uma forma, uma sistemática física e intelectual, de base eminentemente européia, fundada nos princípios católicos da rigidez jesuíta e nos planos da política colonialista do poder Imperial da Monarquia Portuguesa. É o que podemos notar na fala de Correa:

---

<sup>1</sup> Graduado em História; Especialista em Avaliação; Mestrando em Educação pela UFBA-FACED – [algarobaz@yahoo.com.br](mailto:algarobaz@yahoo.com.br). Orientadora: Professora Doutora Sara Martha Dick.

Os alunos dessas escolas - apenas meninos eram admitidos – entravam ainda pequenos e eram submetidos a um rígido controle, que não se limitava às aulas, mas se estendia a toda e qualquer atividade, mesmo a mais simples e cotidiana. (CORREA em OLY PEY, p. 54; 2000)

Diante do que nos diz Correa (2000), não podemos deixar de notar a semelhança com nossa educação nos dias atuais e ainda podemos e precisamos tangenciar para o aspecto da avaliação: o avaliar até esse momento buscou não só tentar abstrair o conhecimento adquirido, mas também controlar a mente ordenar o pensamento, determinar e dispor do tempo dos estudantes, que precisavam estudar dobrado para passar nos exames e agradar à família. O que coloca o desejo, a necessidade e a liberdade à margem do processo de ensino-aprendizagem-avaliação.

Os jesuítas foram os fundadores do modelo educacional brasileiro e, de certa forma, conseguiram mesmo criar e manter um verdadeiro sistema educacional<sup>2</sup>. Vestígios fortes de seu modelo prevalecem em larga medida ainda em nossa educação: hierarquização, punição, centralização do saber e poder concentrado no professor e na escola. Cabe considerar criticamente que o educar não se restringe apenas a formar, informar pessoas, mas é também uma construção em que seus agentes diretos, professor e estudantes, solidariamente, criam, refletem, analisam e produzem livremente, parindo novos saberes e mudando, seu mundo cultural e natural, o que não ocorre na educação e pedagogia jesuítica-colonial.

Após estes anos de educação clerical hegemônica, veio a correr de Portugal a família real, com ela o ensino laico, manifestado nas universidades que a ilustre realeza fundou em sua colônia, então a mais promissora. Porém se mantém toda a formação básica, infanto-juvenil sob o poder da igreja. O que significa dizer que estarão excluídas as massas de trabalhadores, principalmente escravos, fossem indígenas ou africanos, e as mulheres. Os métodos no ensino-aprendizagem-avaliação permanecerão os mesmos tanto no nível da educação básica como na superior, pois também a academia continuou a utilizar-se de métodos católicos-jesuíticos.

Com a família real, podemos notar um outro marco para a sociedade colonial, portanto, para todas as instituições que compõem este sistema, principalmente no caso da educação. No entanto, não notaremos reflexos explícitos de mudança na estrutura sócio-econômica-financeira colonial: escravos (continuam completamente marginalizados do processo educativo), nobreza, clero e burguesia incipiente mantêm seu 'status quo'. A pirâmide social não se altera. Quanto à educação laica, significou a oposição frontal ao clericalismo e depois à própria monarquia, mas apenas no âmbito do poder político, não refletindo essa oposição em mudanças nos métodos de educar, que permanecem vários camuflados e reformulados até nossos dias, de acordo com os desejos e conveniências dos nossos mandatários e 'educadores'. O avaliar nesse momento foi ainda sinônimo de confirmar e testar conhecimentos adquiridos através do 'Mestre', seu mediador oficial, certificador incontestado do conhecimento por ele mesmo conferido. A produção do saber era privilégio dos mestres ou dos apaniguados destes. Assim, confirma-se a fala de Gallo (200) quando diz ser a educação fundada sobre uma certa concepção de homem, ou seja, para uma sociedade hierarquizada com imobilidade social exacerbada, como na colonial brasileira, reproduz-se na Educação seus princípios, e na escola se executam os métodos (pedagogia) para alcançar seus objetivos, que busca moldar ao caráter e ao corpo dos pupilos no anseio de conservar tudo como está.

Os trabalhadores imigrantes anarquistas e seus companheiros brasileiros, mestiços, índios, negros também tiveram como frente de batalha a educação, pois acreditavam que

---

<sup>2</sup> Ver o capítulo O que é a Escola? De Carlos Guilherme Corrêa, em Oly Pey. 2000. Este capítulo mostra um esboço especial sobre a ação jesuítica no Brasil colônia.

precisavam ter uma educação condizente com a classe à qual pertenciam e com os objetivos de mudança que defendiam. Assim, no século XIX, nasce a Educação Integral no Brasil, também conhecida como Libertária ou Anarquista<sup>2</sup>.

As mulheres, homens, operários e camponeses imprimem uma sistemática de educação não institucionalizada, como vimos com os jesuítas, a monarquia e também na república, que vai acontecendo nas fábricas, nos bairros, nas associações de apoio mútuo, nas lutas por direitos trabalhistas e sociais, como a diminuição de carga horária de trabalho, fim do trabalho infantil, salário igual para homens e mulheres, licença-maternidade, condições de salubridade dignas no ambiente de trabalho. Depois estes, vão alçando vôos mais altos fundando jornais, que teriam dupla função: informativa e educativa. Alguns destes jornais foram: na Bahia: *A Voz do Trabalhador*, de 1908, criado e mantido pela *Federação Operária da Bahia*; no Paraná, *Electra*, de 1901. Outras formas foram criadas para desenvolver as capacidades físicas e intelectuais dos trabalhadores como; *Círculos de Cultura*, onde promoviam o teatro, a alfabetização, o ensino da nova língua aos estrangeiros. Vejamos o que dizem Kassik e Kassik sobre a ação dos destemidos trabalhadores que ousaram contrariar a ausência de educação vivenciada por eles e o poder instituído ao mesmo tempo:

Andavam juntos escolas, jornais, centros de estudos sociais, militância, panfletagens, greves, enfim, todo um conjunto de atividades e ações diretas que visavam fundamentalmente à transformação da sociedade opressora e explorada na qual viviam os operários (KASSIK e KASSIK, p.10; 2000).

A *Educação e Pedagogia Libertária* não possuem apenas um interlocutor, um difusor, um articulador, pensador, ela é fruto de anseios canalizados ao longo dos tempos entre os caminhos incertos pelos quais trilha a humanidade em busca da liberdade e da justiça. A ausência ou isolamento de um destes elementos constitutivos do ser humano denota uma formação deficiente, lacunar, que transforma o educando, o ser humano, num ente dependente. Assim, nasce também o objetivo da *Educação Anarquista*, que é o de conquistar através da solidariedade, espontaneidade, autogestão e criatividade do educando, a sua liberdade e a do coletivo.

Desde já se configura um conflito, entre a Educação Anarquista e as outras correntes educacionais, pois estas dividiriam sempre o fazer manual e o intelectual, de acordo com o sistema iníquo<sup>3</sup> em que vivemos. Este conflito é o reflexo do embate que ocorre no âmbito social e econômico, dos trabalhadores versus Mercado, Estado, Igreja. Observemos o que afirma Gallo:

É obvio que esta sociedade hierarquizada preconizará uma educação hierarquizada. Em termos de cultura, trata-se de manter as classes dominadas, em sua ignorância, numa condição de sub-humanidade, para que não tenham consciência de seu direito à liberdade e à igualdade. Para dizer de outra maneira, a educação capitalista reforça o sistema de divisão social do trabalho, fonte da alienação (GALLO em SÁ SIEBERT, p. 60, 1996).

<sup>2</sup> A primeira Escola anarquista nasce em 1895, no Rio Grande do Sul. Para maiores detalhes, ver RODRIGUES, Edgar. O Anarquismo: na escola, no Teatro e na Poesia. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.

<sup>3</sup> Para entender a adjetivação do sistema capitalista como iníquo em sua profundidade, ver a obra *A Propriedade é um roubo*, do pensador e anarquista francês Pierre Joseph Proudhon.

## CHEGAM OS ANARQUISTAS

Para analisar o Movimento Anarquista como movimento social, observaremos o conceito de Glória Gohn: (...) nós o vemos (os movimentos sociais) como ações coletivas de caráter sóciopolítico e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas (GOHN, p. 13; 2003).

Com o reinado de Dom Pedro II, inicia-se, mesmo que tímida, uma política de imigração, voltada para operários e camponeses originários dos países europeus, principalmente Itália, Portugal e Espanha, incentivada pela idéia de branqueamento da população do país e pela necessidade de mão-de-obra qualificada para o trabalho industrial e livre, com vistas a formar um mercado consumidor. Esta política de migração se estendeu até o fim da chamada República Velha, trazendo milhões de europeus para o Brasil.

Dentre estes imigrantes, muitos sabiam ler e escrever, diferente da massa mestiça, índia e negra que povoava o país e configurava um problema para a monarquia e sua elite branca, pois pensavam que, ao educar a massa negra, índia e mestiça, estariam correndo o risco de serem depostos do poder e ter seu luxo confiscado. Este diferencial educacional dos imigrantes, aliado ao domínio de um ofício, adequado às exigências do mercado que despontava com suas manufaturas e algumas poucas indústrias faz com que as relações sociais tomem uma nova dinâmica, é o início de uma nova fase de embates entre mercado, Estado e o clero contra os trabalhadores, os quais trazem, dentre tantas idéias, a do socialismo; e dentre estas, uma em especial, a qual logo vicejou e se alastrou, ou seja: o anarquismo.

Outras tendências de ordem socialista se instalaram no Brasil juntamente com estes imigrantes, mas nenhuma se difundiu tanto entre os idos de 1880 e 1930 quanto o Anarquismo<sup>4</sup>.

À medida que a influência dos anarquistas avançava, também os combates contra a ordem vigente se multiplicavam e fortaleciam. Três fatos apontavam para isto: Greve Geral de 1917, em S. Paulo; Greve Geral de 1919, em Salvador e Rio de Janeiro. Essas greves foram ensaios para a Greve Geral Revolucionária, preconizada pelos anarquistas e exercitada no que eles chamavam de 'ginástica revolucionária': que consistia em lutar diariamente pela melhora das condições de trabalho e vida dos trabalhadores, demonstrando, através da ação direta, que havia um inimigo e que ele poderia ser derrotado.

Assim os anarquistas, acompanhados de outras tendências do pensamento socialista, iniciam a organização geral do operariado brasileiro ligado às organizações internacionais de trabalhadores vinculadas à AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores), cujo objetivo é a Revolução Social. Vejamos o que nos diz Samis:

Entre 15 e 22 de abril de 1906, no centro Galego, no rio de Janeiro foi realizado o Congresso Operário Regional Brasileiro, onde foi aprovado a filiação ao sindicalismo revolucionário francês que significou: neutralidade sindical (ausência de ligação com partidos políticos), federalismo, descentralização, antimilitarismo, anti-nacionalismo, ação direta e a greve geral (SAMIS, p.135; 2004).

Dezenas de associações de assistência dos trabalhadores, sindicatos e federações locais e estaduais vão se associar e brotar na então fundada Confederação Operária do Brasil (COB); após este, surgem federações estaduais como a FORGS (Federação Operária do Rio Grande do Sul) no mesmo ano do congresso, após uma Greve Geral de 21 dias no Rio Grande do Sul; na

---

<sup>4</sup> Podemos observar estas informações mais nitidamente na obra História do Movimento Operário Revolucionário, no artigo *Pavilhão Negro sobre Pátria Oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil*. De Alexandre Samis, pp. 132-47; 2004.

Bahia, em 1908 é fundada a Federação Operária da Bahia (FOB); neste ínterim, já existiam as Federações Operárias do Rio de Janeiro (FORJ) e São Paulo (FOSP), onde o Movimento Anarquista era mais forte e bem definido.

Com essa estrutura sindical quase que tangendo todo o território brasileiro, os anarquistas e seus afiliados sindicais deram continuidade aos seus projetos imediatos de melhorar a condição de trabalho e vida dos trabalhadores bem como lutar para transformar efetivamente a sociedade em que estavam inseridos. Um destes projetos, que está definido inclusive nas atas do 1º e 2º Congressos Operários do Brasil, bem como nos congressos das Federações Estaduais é a Educação Integral, ou Educação Anarquista, baseada no ideário de pensadores como Fourier, Proudhon, Bakunin, Robin, Ferrer e Guardiã, mas extraída das necessidades e desejos da classe trabalhadora, relacionando educação e princípios políticos como autogestão e ação direta.

Como vemos, os anarquistas não iam lutar apenas na frente econômica, mas também social, atacando problemas como a educação, não aguardando a conquista do poder político ou econômico para melhorar a vida dos trabalhadores, pelo contrário, com base na auto gestão e na ação direta a educação seria fruto das necessidades e desejos dos próprios trabalhadores em busca de sua emancipação social, política e econômica.

## ANARQUISTAS E EDUCAÇÃO NO BRASIL

Uma educação livre, criativa, unindo teoria e prática, intelecto e corpo, antiautoritária, provida numa ética de justiça e igualdade. Esta foi a configuração geral colocada pelos anarquistas para se contrapor à educação realizada a época pelo Estado, Mercado e Igreja, e que foi levada a termo através de ateneus, escolas modernas, universidades populares, centros culturais, sindicatos, greves, saraus, jornais, brochuras, livros.

Uma educação pautada pelo aprendizado das ciências sem a influência judaico-cristã que predominava nas instituições educacionais; outras em que os anarquistas e educadores acreditavam, posto que, se desejavam um mundo novo, não poderiam deixar seus filhos, amigos, companheiros, colegas sofrerem uma educação castradora, limitada e limitante, predominantemente apaziguadora dos anseios de liberdade, justiça e igualdade, por eles desejadas. Sobre isto ouçamos o que nos diz Bakunin:

Quien sepa más dominará naturalmente a quien menos sabe y no existiendo en principio entre dos clases sociales más que esta sola diferencia de instrucción y educación, esa diferencia producirá en poco tiempo todas las demás e el mundo volverá a encontrar-se en su situación actual, es decir, dividido en una masa de esclavos y pequeños numero de dominadores, los primeros trabajando, como hoy en dia, para los segundos (BAKUNIN, pp. 29-30; 1979).

É necessário lembrar, ainda, que a educação como bem universal da sociedade aos trabalhadores, em seus diversos níveis, tem início com o governo ditatorial de Getúlio Vargas e, mesmo assim, não atende às demandas quanto à qualidade ou quantidade, pois o objetivo primordial é obter um exército de eleitores analfabetos.

Os anarquistas propunham o *livre contrato, livre acordo*, que pretende estabelecer relações pedagógicas pactuadas, em pé de igualdade entre seus envolvidos diretos: professores, estudantes, buscando dessa maneira considerar os saberes constituídos, pois sabemos que, há muito, a Igreja, o Estado e o Mercado dispõem sobre a educação de todos nós, impondo seus dogmas, suas leis e formatando-nos, causando assim a perda de controle sobre nossos destinos, levando-nos a ser meros profissionais, objetos manipuláveis e não seres humanos, construindo

coletivamente saberes baseados na alteridade, justiça, solidariedade, cooperação e liberdade de pensar e fazer.

O *antiautoritarismo* também é um dos princípios norteadores da educação anarquista; isso quer dizer que práticas arbitrárias, coerções, punições são entendidas aqui como castradores, inibidores, destruidores do desenvolvimento integral do ser humano, que apenas contribuem para um ser intolerante, agressivo e limitado. Compreende-se que todos têm uma autoridade de saber, que estes são distintos e que na alteridade e justiça o indivíduo e o coletivo têm mais condições de se desenvolver integralmente.

*Autogestão*: seria a gestão direta do processo ensino-aprendizagem-avaliação por parte de seus envolvidos diretos. Ao contrário de termos professores testando e medindo conhecimentos, precisamos de um coletivo de estudos compartilhados, discutidos, criando saberes, sistematizando-os ou não, contando com a necessidade e o desejo de todos os participantes e não com algo pré-estabelecido sem acordo mútuo. Excluindo o momento estanque de avaliar e fazendo isto durante, sempre, de forma natural, como consequência querida e necessária para o processo de ensino-aprendizagem, visando só e apenas o desenvolvimento integral dos seus participantes e sua liberdade.

*Liberdade*: este é o método e o fim que se propõe a Educação Anarquista e a Pedagogia Libertária. Num processo educativo pautado sobre os princípios elencados, deseja-se que o educar, a troca de saberes e produção de conhecimentos sejam realizados com liberdade e para a liberdade, prevalecendo a criatividade; de outra maneira só estaremos reproduzindo a coerção, a dominação, a compartimentalização do saber em partículas insólitas de conhecimento, portanto a fragmentação do ser, causando assim sua alienação intelectual, física, ética e emocional<sup>5</sup>.

É com esta preocupação social que a Educação anarquista se insere no panorama educacional brasileiro pelos idos do século XIX, trazida por imigrantes anarquistas italianos, espanhóis e portugueses<sup>6</sup> e se torna quase na única forma de acesso dos trabalhadores ao conhecimento sistematizado, durante as três primeiras décadas do século XX, pois pouco ou nenhum era o interesse do Estado, segundo Kassik e Kassik (2000).

A partir dos conceitos explicitados sobre a Educação Anarquista, podemos notar que sua proposta não se retém aos muros da escola e/ou da sala de aula; ela nasce fora das instituições educacionais sejam de Estado, confessionais ou de Mercado. Seu objetivo é um novo ser humano, uma nova sociedade. Aqui cabe uma reflexão: é possível dentro das estruturas de Mercado, Igreja, Estado ter uma pedagogia libertária? Pode a educação, sem criar ou se envolver com movimentos extra-muros escolar, revolucionar a educação como um todo? É possível uma revolução social no mundo contemporâneo, ou seria melhor perguntar, é desejável, é necessária?

Temos diversas teorias da educação que compõem o rosário de princípios, métodos e objetivos para a educação, mas, como vimos, não basta mexer apenas na educação; é necessário compreender a relação efetiva e indissociável entre a educação e a sociedade, de uma educação, uma arte, economia que tem como finalidade a justiça, a igualdade, a liberdade e o respeito ao meio ambiente a soberania do indivíduo. De outra maneira estaremos fadados a encenar peças escritas por terceiros com finais que não queremos, onde seremos apenas fantoches conduzidos por cordões, ventrilocando idéias e desejos alheios. Como enfatiza bem D'Ambrósio: "A forma mais perversa de fazer com que o sujeito se sinta livre é quando ele não percebe que não é livre" (D'AMBRÓSIO em SÁ SIEBERT, p.101; 1996).

<sup>5</sup> O caráter emocional no âmbito da Pedagogia Libertária é pouco estudado e explorado, no entanto é sempre abordado referindo-se ao bem-estar do indivíduo, que tem no conhecimento de seus desejos e necessidades pessoais uma fonte de buscas e realizações.

<sup>6</sup> Sobre a relação entre imigrantes e Educação Libertária, podem ser consultadas obras do Historiador Edgar Rodrigues como: *Os Libertários*; *O Anarquismo: na escola, no teatro e na poesia*. E a obra de Kassik e Kassik, *a Pedagogia Libertária na História da Educação Brasileira*. Ambas da editora Achiamé: Rio de Janeiro.

Não é da compreensão da ausência de liberdade deste tipo de educação existente na sociedade brasileira que tateamos cotidianamente procurando, construindo uma liberdade não concedida, não monitorada, uma liberdade soberana do indivíduo, que se amplia na liberdade do outro?

Em 1930, surge Getúlio Vargas a partir de um *golpe militar*, o que significará: criação em larga escala de escolas (principalmente primárias, sendo as mais conhecidas os Grupos Escolares), a concentração nas mãos do Estado da oferta; centralização e hierarquização maior do processo de ensino-aprendizagem, refletindo no maior controle das atividades, nos programas e nos fins que se propõe a educação. Correa (em OLY PEY, 2000) aponta a reforma Capanema como materialização desse intento fascista e totalitário de Vargas.

É fundado então o Ministério da Saúde e Educação por Vargas. Este setor imprimiu a centralização do sistema educacional na órbita do poder federal. Nessa esteira de acontecimentos, as ações, espaços, idéias e pessoas ligadas à educação anarquista foram ainda mais perseguidas<sup>7</sup>, marginalizadas e destruídas. Começa assim o crepúsculo da Educação Anarquista, do qual não se tem notícia de desaparecimento total, pois ela pulula em escolas diversas, universidades, centros de cultura social, jornais, revistas, círculos de estudos por todo o Brasil<sup>8</sup>.

Podemos afirmar que os Anarquistas contribuíram também para a formação de espaços mais livres de educação neste país; seus intentos, anseios ainda estão por se cumprir: liberdade, justiça, igualdade, mas eles tangem toda a sociedade, principalmente as classes mais pobres. Estas idéias e sentimentos embalam ainda o sonho de milhões pelo mundo e, enquanto houver um ser humano insatisfeito, haverá chance, desejo de liberdade, de justiça, de igualdade. Cada vez mais, uma educação anti-autoritária é criada e cobrada, uma pedagogia que tenha como princípio a alteridade e que promova o desenvolvimento das capacidades físicas e intelectuais sem perder de vista a ética e a emoção deste ser.

Conclusivamente outra grande contribuição dos anarquistas à educação e pedagogia no Brasil foi a constatação, propaganda e ação em torno da idéia de que educação e sociedade são inseparáveis, e que a revolução não ocorre primeiro aqui ou acolá, mas em todo lugar de forma articulada e integrada. Educar para a liberdade, para a justiça e igualdade requer lutar pela liberdade, pela justiça e pela igualdade.

### **Educação<sup>9</sup> Anarquista e Pedagogia Libertária: rascunho de uma utopia e de uma práxis.**

É necessário distinguir Educação Anarquista de Pedagogia Libertária para compreender as dimensões do que vem a ser Educação e Pedagogia para os anarquistas. Intrínseca à idéia de educação e pedagogia decorre a definição de uma concepção de ser humano.

Diante da condição humana constatada não apenas no plano histórico, mas nas relações sociais contemporâneas aos trabalhadores, desde o início da modernidade européia na Europa, alguns indivíduos e organizações intentaram projetos de mudança da sua condição social, política, econômica e educacional. Neste movimento se encontram dentre outros os Anarquistas.

<sup>7</sup> Sobre os antecedentes referentes à perseguição aos anarquistas e suas organizações, ver a obra *Moral Pública e Martírio Privado* de Alexandre Samis, Rio de Janeiro: Achiamé; 1999.

<sup>8</sup> Como exemplo atual, podemos citar a Escola Lumiar – S. Paulo – S. Paulo; Centro de Cultura Social – Pará – Belém; Espaço Cultural Insurgente – Salvador – Bahia. O Jornal *bandeira Negra* – Salvador Bahia; o Jornal *Libera... amore mio...* Rio de Janeiro – R.J.; jornal *Clandestino* – Florianópolis – SC.

<sup>9</sup> Ver no Jornal O AMIGO DO POVO, de 1904. Seção: Bibliografia Libertária, onde se encontra uma relação contemporânea aos fatos sobre imprensa; conferências e festivais; manifestações públicas operárias; escolas fundadas (24 escolas, duas Universidades) e sustentadas por trabalhadores e para trabalhadores; outras citações.

Os Anarquistas desejaram e desejam a revolução social, e esta revolução social significa a mudança nas relações humanas nos seus múltiplos meios em pró não de uma classe, mas da humanidade, pois consideram que, instituindo outra forma de justiça, liberdade, igualdade que não seja a burguesa capitalista moderna européia e sim uma outra, fundada nos princípios anarquistas, se conquistaria mais justiça, mais igualdade e mais liberdade<sup>10</sup>.

Assim a Educação Anarquista se propõe ser uma negação do modelo de Educação Liberal Moderno e, conseqüentemente, sua substituta, auxiliando diretamente na organização e realização da revolução social<sup>11</sup>. Este duplo movimento coloca um problema: como educar para a liberdade, justiça e igualdade com liberdade, justiça e igualdade dentro do próprio sistema social Liberal? A resposta surge mesmo da pergunta: negando e criando formas além das brechas permitidas, fundando seu próprio sistema, que é um ante-sistema. Neste sentido, por exemplo, a Educação Anarquista não vai se dar exclusivamente no âmbito de escolas, mas em todos os ambientes da sociedade. A base organizativa da Educação Anarquista será a descentralização do poder e a autogestão política, econômica e pedagógica.

Quanto à Pedagogia Libertária, ela se constitui como uma contra-pedagogia no sentido de que nega o padrão hegemônico e se apresenta como forma para norteamento da aprendizagem no âmbito da Educação Anarquista e, sobretudo, como resistência criativa ao modelo capitalista. A Pedagogia Libertária vai estabelecer princípios, métodos e objetivos que negam a Pedagogia Liberal. Dentre estes, respectivamente: justiça; autogestão; liberdade. Mas se pode afirmar também que todas formas de educação e pedagogia pregam isto. Muito bem, mas numa análise superficial, notaremos que, historicamente, até o momento, o Estado, Mercado e a Igreja dizem uma coisa e praticam outra. Neste sentido, a Pedagogia Libertária se coloca uma ética calcada na alteridade e balizada na descentralização e autogestão da aprendizagem em que o processo de conhecimento vai se realizar a partir de acordos mútuos entre os integrantes diretos do processo, que podem ser cobrados e revistos a qualquer momento<sup>12</sup>.

Nestas reflexões finais, é interessante dizer que a Educação Anarquista e Pedagogia Libertária se realizam até hoje, e que seu projeto de revolução passa também por fundar outra cultura e não apenas conquistar os meios de produção<sup>13</sup>. Esta educação e pedagogia estão bem rascunhadas e continuam a ser rabiscadas em desenhos, palavras, silêncios, atos, construindo seu próprio caminho até a utopia da liberdade humana.

Uma caminhada se faz caminhando, assim se construiu mapas e histórias, se construíram revoluções, guerras, países, amores. Esta Educação e Pedagogia se dedicam não só a contribuir em mudar a sociedade, elas próprias já se constituem em contraponto, pois coloca em pauta a práxis da educação vigente, questionando se estão os princípios, métodos e objetivos da educação e pedagogia hegemônica de acordo entre o que se prega e o que se realiza. A contribuição dada pelos anarquistas para a educação e pedagogia no Brasil ainda está por se fazer, mas alguns estudos já realizados identificam que a práxis educacional anárquica fincou raiz na história da educação brasileira e necessita ser historiografada.

<sup>10</sup> Estes três princípios fundam e lastreiam todo o pensamento anarquista, sendo a liberdade seu elemento mais preponderante. A estes princípios são agregados outros que a eles dão sentido anarquista, como: a justiça se agrega à ação direta; a igualdade se agrega à descentralização do poder e a liberdade, à soberania do indivíduo.

<sup>11</sup> Neste caso não se trata de 'conscientizar' quem quer que seja, como querem os marxistas, mas de instrumentalizar e potencializar cada indivíduo para que ele não venha a ser um autômato e possa, a partir de si, de suas experiências, desejos e necessidades, estabelecer o que lhe é prioritário.

<sup>12</sup> Atualmente este processo pode ser observado em algumas escolas como Lumiar, em São Paulo – S.P; Paidéia, Mérida - Espanha; Summerhill, Londres – Inglaterra.

<sup>13</sup> Tese levantada pelos teóricos marxistas.



## REFERÊNCIAS

- BAKUNIN, Mijail. **La Instrucción Integral**. Barcelona – Espanha: Calamvs Scriptorvs, 1979.
- COLOMBO, Eduardo e outros. **História do Movimento Operário Revolucionário**. Tradução Plínio August coelho. São Paulo: Edt. Imaginário / Edt. Expressão e Arte / IMES (Observatório de Políticas Sociais); 2004.
- GALLO, Silvio. **Educação Anarquista: um paradigma para hoje**. Piracicaba – S.P: UNIMEP; 1995.
- GALLO, Silvio. **Pedagogia do Risco: experiências anarquistas em educação**. Campinas – S.P: Papyrus; 1995.
- GOHN, Maria da Glória (org.). **Movimentos Sociais no Início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis – R.J: Vozes; 2003.
- HÜBNER, Maria Martha. **Guia para elaboração de monografias e projetos de dissertação de Mestrado e Doutorado**. S. Paulo: Pioneira / Mackenzie; 1998.
- LIPIANSKY, Edmond-Marc. **A Pedagogia Libertária**. Trad. de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário; 1999.
- MANFREDI, Sílvia Maria. **Formação Sindical no Brasil: História de uma prática Cultural**. S. Paulo: Escrituras; 1996.
- MARINHO DOS SANTOS, Ednalva Maria. **O Texto científico: diretrizes para elaboração e apresentação**. Salvador: UNYANA / QUARTETO; 2001.
- OLY PEY, Maria. (org.). **Esboço para uma história da Escola no Brasil: algumas reflexões libertárias**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.
- PROUDHON, Pierre Joseph. **A propriedade é um roubo e outros escritos anarquistas**. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM Pocket; 1997.
- RODRIGUES, Edgar. **O Anarquismo: na Escola, no Teatro e na Poesia**. Rio de Janeiro: Achiamé; 1992.
- RÚDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis - R.J: Vozes; 1986.
- SAMIS, Alexandre. **Moral Pública e Martírio Privado**. Rio de Janeiro: Achiamé; 1999.
- SIEBERT, Raquel Stela de Sá. **Educação Libertária: textos de um seminário**. Rio de Janeiro: Achiamé; 1996.